

Acopiara o Seu Vilela vive aos 104 anos

Por JB Serra e Gurgel (*)

Aos 104 anos, Seu Vilela diz: “tenho uma doença, velhice”. Não tem pressão nem colesterol alto, diabetes ou, inchaço na perna. Não teve câncer de próstata, derrame , infarto, stress.”Não tomo nenhum comprimido, nenhum remédio “. Este é o brado de vida de Antonio Dias de Albuquerque, conhecido por Seu Vilela. No Ceará, não se sabe porque, muitas pessoas carregam dois nomes, um de registro e outro de referência. Seu Vilela só tem um pequeno problema, uma surdez, muitas virtudes, como uma memória viva. Basta acionar através da sua cuidadora há 24 anos, Edileuza de Melo, de 54, nascida no Isidoro, pelas mãos de d. Nenem Nogueira, parteira de uma geração de lagenses, afonsopenenses e acopiarenses.

Seu Vilela nasceu em 1º.01 1907, numa casa de taipa que ficava ao pé de uma cajarana, no distrito de Vila Isidoro, a 18 km de Acopiara, por uma estrada que sempre foi ruim, com chuva ou sol, animais ou carros, pelas mãos de uma parteira, Martinha dos Anjos, descendente lá atrás de seu bisavô , José Francisco de Albuquerque, e de seus pais, José Dias Bezerra e Julia Lopes de Albuquerque, do distrito do Baú, no Iguatu que tiveram nove filhos. Lembra sem muito esforço de : José Francisco Albuquerque Filho, Manuel Nascimento de Albuquerque, Canuto Francisco Anacleto Francisco e Joaquim Romano.

Seu Vilela não frequentou escolas, mas é autodidata, aprendendo a ler a escrever logo cedo, estudava matemática fazendo cálculos na areia do solo. Seu destino seria cuidar da roça e trabalhar na agricultura de subsistência da família, o que fez, de olhos voltado para o futuro . Aos nove anos, ficou órfão de pai. Aos 13, perdeu a mãe. Como filho mais velho, coube-lhe conduzir toda a família pelo caminho do trabalho e da honra e o fez com toda dignidade, trabalhando de sol a sol. Por 30 anos foi mestre de moagem de fazedores de rapadura, como Raimundo Antonio, em Tataira, Sabino Idelfonso, Pizeca, João Idelfonso, em Isidoro, tendo atuado em engenhos de Monte Alegre, Santo Antonio, Cotia, Juá, Bolandeira, Riacho

do Meio.. A função do mestre é ultimar a pasta de mel no tacho, depois de ter passado por várias caldeiras, colocar o mel na gamela, bater com uma pá de madeira, bem grande, dar uniformidade e colocar nas formas para que se transformem na rapadura. Uma ciência hoje em desuso. “Li muito sobre História e Geografia”. O que aprendeu foi de muita serventia, pois chegou a ser juiz de paz, subdelegado e tabelião do Cartório de José Marques Filho, em Isidoro, fazendo casamentos civis e registros de nascimento, de óbito, de imóveis e de propriedades rurais e testamentos. De 1951 a 1977, foram 18 mil registros. Isto lhe assegurou, aos 75 anos, uma modesta aposentadoria do Estado, recompensa dos serviços que prestou a comunidade do Isidoro. Nunca mais Isidoro teve uma extensão do Cartório que contribuía para a cidadania local. Seu Vilela foi pessedista secular, acompanhado as lideranças de Acopiara, Celso Castro, Chico Guilherme, padre João Antonio de Araújo. Católico praticante trabalhou na construção da Igreja matriz de NS do Perpétuo Socorro.

Aos 28 anos, casou-se em 25.05.1935 com Maria Lima de Albuquerque, de 20 anos, filha de João das Lages. A família das Lages foi a primeira que ocupou as terras que formaram Acopiara. Eram sete irmãos, Ernesto, Pedro, João, Antonio Bernardo, Ananias, Alfredo e José. Com D. Maria esteve casado por 60 anos. Quando ela morreu já estava com 88

Foram 12 filhos, seis homens e seis mulheres. José Everardo, José Evaldo, Maria Esmeralda, Maria Perpétua, Edimundo, as Maria Zélia, Maria Alaide, Francisco Vilebaldo, Maria Helena e Maria Madalena. Dois já se foram, José Everardo e Edimundo, duas marias moram em Isidoro, Perpétua e Madalena, Zélia em Acopiara. As demais marias Esmeralda, Helena e Alaide foram para São Paulo, Vilebaldo para Boa Vista/RR, onde vivem familiares do irmão Edimundo, falecido, Evaldo em Baturité.

Alaide, a filha que mora em Tatuapé;SP, fez as contas e afirma que a família de seu Vilela chega as 46 netos aos 40 bisnetos. Orgulha-se da disposição do pai que fez tudo sozinho, caminha pela casa grande, vê televisão, especialmente desenhos animados, ri e se diverte a seu modo, calmo, tranquilo. Quando tem visitas, conversa, abre a caixa de memória e recupera a história do que se passou no território do Isidoro. Seu vigor aos 104 anos, sua memória ainda clara, impressiona qualquer vivente.

Fala da passagem da Coluna Prestes ou a Grande Marcha, em 29.01.1926 , movimento contra o governo de Presidente Artur Bernardes, que acampou por três dias no Isidoro, com 1.800 homens famintos que mataram , sem pedir licença, nove reses, centenas de porcos, bodes, carneiros, cabras e galinhas para saciar a fome. Um dos estragos da Coluna foi a destruição do telegrafo da estação de Suaçurana. A Coluna movimentou-se de Arneiroz, Afonso Pena (Acopiara) Telha (Iguatu), Nova Floresta (Solonópole), Boa Vista (Mapuá) Recorda-se da figura de Luis Carlos Prestes desembainhando sua espada niquelada e pedindo uma pedra de amolar para afiar a lâmina. Recorda-se de Siqueira Campos e lembra se da reação de Cassimiro Carnaúba, quando alguns soldados desejaram pegar o que lhe restara no terreiro, o galo. Carnauba virou bicho o que levou o chefe do grupo a ameaça-lo de execução sumária. A ameaça levou-o a assinar sua sentença:

- “Vocês vão matar um cearense cabeça chata de brio e honrado”. Diante da surpreendente reação , o chefe ordenou aos soldados que soltassem o galo do Carnaúba

Seu Viela recorda de seus amigos na caminhada da vida José Benigno, José Albuquerque da Silva, o Pizeca, pai do dr. João Uchoa de Albuquerque, ex-prefeito de Acopiara, que lhe deu uma estátua no Isidoro, Francisco Alves da Silva, o Baraba, Sabino Idelfonso, João Idelfonso, Chico Elefante , o Francisco Tomé Gomes.

(*) JB Serra e Gurgel (Acopiara), jornalista e escritor.